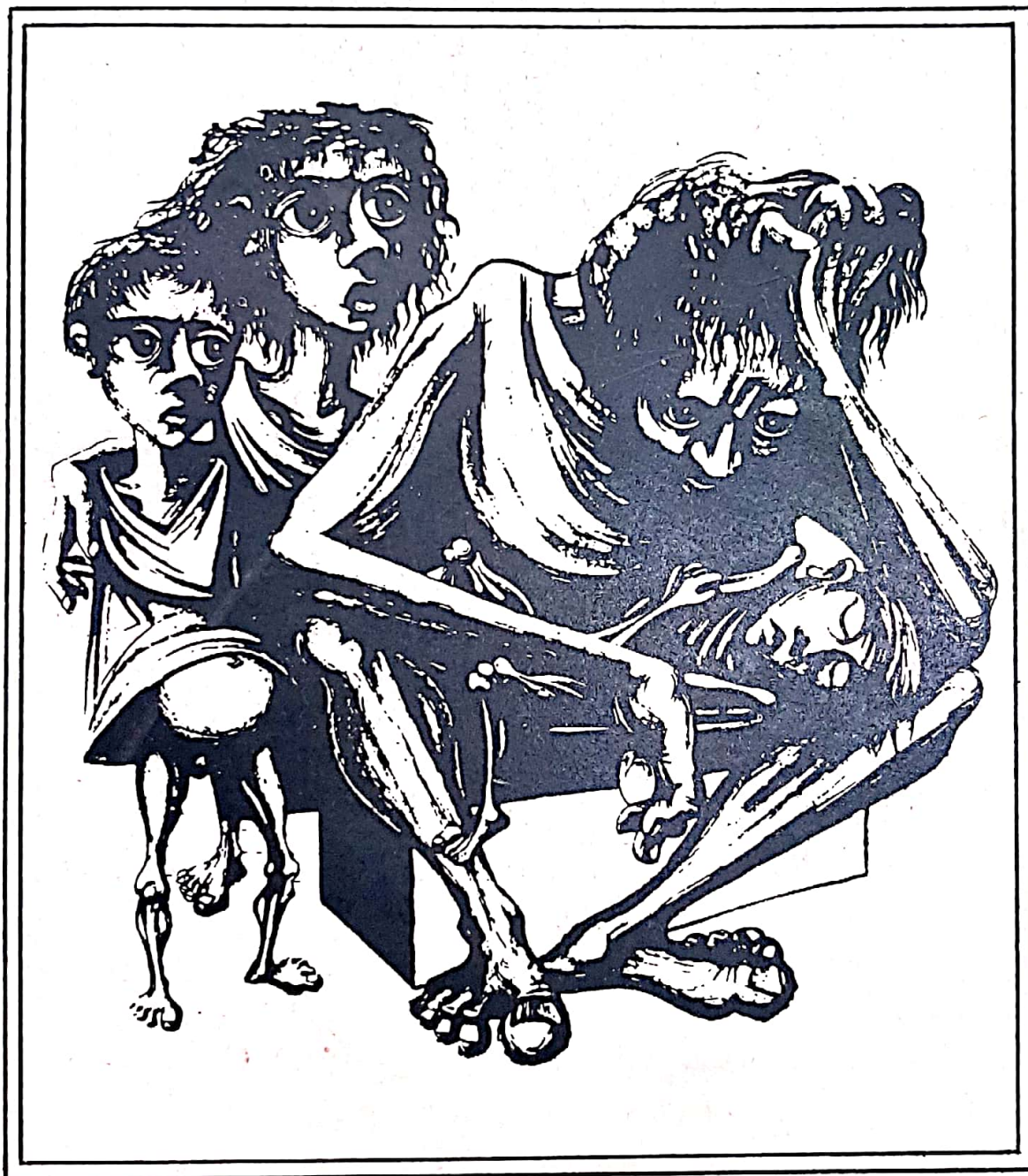


ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS



anais do 4<sup>o</sup>  
encontro nacional dos geógrafos



anais do 4<sup>o</sup>  
encontro nacional dos geógrafos — rio 1980

**ASSOCIAÇÃO  
DOS GEÓGRAFOS  
BRASILEIROS**

**EDIÇÕES AGB**



I N D I C E

Pág.

O IVº ENG .....	3
APRESENTAÇÃO .....	9

MESAS REDONDAS

1 - O PROBLEMA FLORESTAL DA AMAZÔNIA BRASILEIRA - Orlando Valverde ..	19
2 - AS MULTINACIONAIS NA AMAZÔNIA: O PROJETO JARI E O PAPEL DOS PESQUISADORES - Irene Garrido Filha .....	34
3 - A QUESTÃO AGRÁRIA - Ariovaldo Umbelino de Oliveira .....	40
4 - MOVIMENTOS SOCIAIS URBANOS - ALGUMAS REFLEXÕES - Ana Clara Torres Ribeiro .....	49
5 - O ESTADO CAPITALISTA E O USO DO SOLO URBANO - Ayrton Teixeira Almada .....	53
6 - ESTADO E ESPAÇO URBANO: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA - Maurício de Almeida Abreu .....	58
7 - O ESPAÇO E A APROPRIAÇÃO DOS BENEFÍCIOS LÍQUIDOS DOS INVESTIMENTOS DO ESTADO EM INFRA-ESTRUTURA URBANA - David Michael Vetter .....	73
8 - PROJETO RIO: UMA ANÁLISE CRÍTICA - Pedro Costa Guedes Vianna e Marcos Antonio Santos .....	83
9 - CLASSES SOCIAIS, HABITACÃO E O GRANDE RIO: APRESENTAÇÃO DO TEMA - Roberto Lobato Corrêa .....	97
10 - CONJUNTOS HABITACIONAIS E DESLOCAMENTOS PARA TRABALHO E COMPRAS - Elizabeth Aiub Hijjar .....	103
11 - DIFERENCIAÇÃO RESIDENCIAL E CLASSES SOCIAIS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO - Nilo David Coelho Mello .....	118
12 - ONDE ESTÃO OS REALMENTE POBRES NA ÁREA METROPOLITANA DO RIO NO INÍCIO DOS ANOS 80? - Roberto Schmidt de Almeida .....	128
13 - BRASÍLIA - VINTE ANOS - CRISE E ALTERNATIVAS - Aldo Paviani ..	133
14 - ASPECTOS DA "CRISE URBANA": A DESTRUIÇÃO DO BAIRRO DO BRÁS EM SÃO PAULO - André Roberto Martin .....	145
15 - O MOVIMENTO AMBIENTALISTA EM SOCIEDADES CAPITALISTAS DEPENDENTES - Aristides Arthur Soffiati Netto .....	152
16 - RECURSOS ENERGÉTICOS E POLÍTICA AMBIENTAL - Dalia Maimon .....	159
17 - POLÍTICA AMBIENTAL NO BRASIL - ASPECTOS GERAIS - André Cezar Médici .....	168
18 - POLÍTICA ENERGÉTICA E POLUIÇÃO DO AR - Paulo Gonzaga Mibielli de Carvalho .....	189
19 - LEVANTAMENTO DO POTENCIAL EÓLICO BRASILEIRO - Lucy Pinto Gallego ..	199
20 - A COLABORAÇÃO TÉCNICA DO GEÓGRAFO NA BUSCA DE FONTES ALTERNATIVAS DE ENERGIA - Salomon Turnowski .....	209
21 - UMA AMOSTRAGEM DO POTENCIAL ENERGÉTICO SOLAR DE CAMPOS - Ana Maria Ramos .....	213
22 - A NOVA ORDEM INTERNACIONAL NO SEGUNDO PÓS-GUERRA - Beatriz Maria Soares Pontes .....	216
23 - SOBERANIA E SERVIDÃO DO ESTADO LATINO-AMERICANO (UM RESUMO) - Eder Sader .....	227
24 - ESPAÇO, INTERDISCIPLINARIEDADE E POLÍTICA - Ana Clara Torres Ribeiro .....	239
25 - GEOGRAFIA, ECOLOGIA, IDEOLOGIA: A "TOTALIDADE HOMEM-MEIO" HOJE - Ruy Moreira .....	245
26 - A SUBTOTALIDADE GEOGRÁFICA E SUA ESPECIFICIDADE - Armando Corrêa da Silva .....	269

(cont.)

Pág.

27 - NOTAS PARA UMA INTERPRFTAÇÃO NÃO-ECOLOGISTA DO PROBLEMA ECOLO- GICO - Carlos Walter Porto Gonçalves .....	272
28 - GEOGRAFIA: CONHECIMENTO DA CRISE OU CRISE DO CONHECIMENTO? - Ar- mando Corrêa da Silva .....	284
29 - A APROPRIAÇÃO CAPITALISTA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO - Ana Fani Ales- sandri Carlos e Sandra Lencioni .....	295
30 - A GEOGRAFIA TRADICIONAL E SUA RENOVACÃO - Antonio Carlos Robert Moraes .....	306
31 - A CONSCIÊNCIA DA CRISE - Ana Fani Alessandri Carlos .....	320
32 - GEOGRAFIA BRASILEIRA: CRISE E RENOVACÃO - Roberto Lobato Corrêa .	329
33 - EVOLUÇÃO DO PFNSAMENTO GEOGRÁFICO BRASILEIRO: PERSPECTIVAS OU A GEOGRAFIA BRASILEIRA DA INDUSTRIALIZAÇÃO POR SUBSTITUIÇÃO DE IMPORTAÇÕES A OITAVA ECONOMIA DO CAPITALISMO: 1930-1980 - Pe- dro Pinchas Geiger .....	337
34 - PROJETO ENSINO - José Zuquim, Diamantino Pereira e João Bentes .....	356

COMUNICAÇÕESO CAMPO

1 - O ESPAÇO RURAL NORDESTINO E UMA ESTRATÉGIA PARA INTERIORIZAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO URBANO - Mauricéia Marta Bezerra Wanderley	362
2 - O MODELO NO MODELO: A AGRICULTURA DE CRIANÇAS - Gervásio Rodri- go Neves .....	368
3 - ASPECTOS DAS RELAÇÕES ENTRE INDÚSTRIA E PEQUENA PROPRIEDADE AGRÍCOLA: O CASO DE LIMEIRA-SP - Romeu Nami Garibe .....	372
4 - A QUESTÃO DA TERRA NA AMAZÔNIA E A VIA BRASILEIRA DE DESENVOL- VIMENTO CAPITALISTA NO CAMPO: UMA CONTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA- Ber- tha Koiffmann Becker .....	373
5 - CONTRASTES INTERNOS DO ESPAÇO AGRÁRIO FLUMINENSE - Maria do Car- mo Corrêa Galvão .....	383
6 - TRANSFORMAÇÕES AGRÁRIAS E A INTERINIDADE DO SISTEMA URBANO NOR- TE-PARANAENSE - Yoshiya Nakagawara .....	386
7 - CONTRIBUIÇÃO À DISCUSSÃO SOBRE CARTAS DE USO DA TERRA - Carmem Marília Franco Sant'Anna .....	391
8 - EXPANSÃO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA E DEMANDA DE ARMAZENAGEM A SECO - Sonia Rocha .....	392
9 - NOTAS SOBRE O ABASTECIMENTO DE CARNE BOVINA NAS METRÓPOLES NA- CIONAIS - Miguel Gimenez Benites .....	396

A CIDADE

1 - O ACESSO À HABITACÃO EM ALGUNS BAIROS PERIFÉRICOS DO MUNICÍ- PIO DE OSASCO, NA GRANDE SÃO PAULO - Regina Célia Beça dos Santos	402
2 - DO CAMPO À PERIFERIA: CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ECONÓMICAS E SUAS IMPLICAÇÕES NO CONJUNTO URBANO DE LONDRINA - Alice Yatiyo Asa- ri e Sílvia Lúcia Gouveia .....	404
3 - ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A LUTA PELA MORADIA NA CIDADE - Myrna T. Rego Viana .....	407
4 - URBANIZAÇÃO DO CAMPO: O EXEMPLO DO NORTE DE GOIÁS - Lia Osório Machado .....	408
5 - O CRESCIMENTO ACELERADO NAS FAVELAS NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO - Arlete Moysés Rodrigues .....	414
6 - O CONJUNTO HABITACIONAL E AS CONDIÇÕES RESTRITIVAS DE UMA POLÍ- TICA HABITACIONAL: CONSIDERAÇÕES PRIMÁRIAS - Celso Roberto Ra- mos Souto .....	417



(cont.)

	Pág.
7 - PRODUÇÃO DE TERRITÓRIO COMUNITÁRIO NA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE - Vantuil Barroso Filho .....	420
8 - TENDÊNCIAS DE EXPANSÃO DO CENTRO METROPOLITANO DE SÃO PAULO - Helena Kohn Cordeiro .....	423
9 - MEMÓRIA TÉCNICA E USO DO SOLO - Douracy Soares, José Cosme Gomes dos Santos, Moema V. Miranda Filgueiras e Maria Lúcia Simões .....	427
10 - ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DA CIDADE DE GUARABIRA-PB - Maria das Graças de Oliveira Lummertz .....	435
11 - O FORTALECIMENTO DE PEQUENAS CIDADES COMO ALTERNATIVA PARA A CRISE DAS REGIÕES METROPOLITANAS - Marlene Pereira V. Teixeira .....	437
12 - A MIGRAÇÃO COMO INDICADOR PARA O ESTUDO DE AGLOMERAÇÕES URBANAS NO BRASIL - Fany Davidovich .....	443
13 - AS PEQUENAS CIDADES COLONIAIS DO NORTE DO RIO GRANDE DO SUL - Al domar Arnaldo Rückert .....	448
14 - CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA POBREZA URBANA - O CASO DO RIO DE JANEIRO - Joselita Maria dos Santos Araújo .....	461
15 - LIGAÇÕES INDUSTRIAIS POR TAMANHO DE ESTABELECIMENTO, EM JOINVILLE-SC E CAMPINA GRANDE-PB, DOIS CENTROS MÉDIOS NO BRASIL - Luís C. Bahiana e Maria Mônica V.C. O'Neill .....	467
16 - A GEOGRAFIA URBANA E A FORMAÇÃO DE ARQUITETOS: UM DEPOIMENTO E CONVITE A DISCUSSÃO - Luís C. Bahiana .....	470
 O MEIO AMBIENTE	
1 - IMPACTO AMBIENTAL DA INDÚSTRIA DE CIMENTO NO BRASIL - Dalia Maimon e Marco Antonio Teixeira de Brito .....	476
2 - POLUIÇÃO DO AR NAS REGIÕES METROPOLITANAS DO RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO - Dalia Maimon, Paulo Gonzaga Mibielli de Carvalho, Celeste Rodrigues Maio, Lúcia Maria P. Cunha, Helena dos Santos Pereira, Cláudio Van Boekel de Faria, José Gomes Nogueira e Dora Coe de Oliveira .....	478
3 - POLUIÇÃO DAS ÁGUAS NAS REGIÕES METROPOLITANAS DO RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO - André Cezar Médici, Pedro Luís Amendola, Copérnico de Arruda Cordeiro, Mário Sergio D'Avila Cavalcanti, Ivan Jorge Martins Soveral, Valmir Vicente de Lyra, Celeste Rodrigues Maio e Maria de Fátima de Mendonça .....	480
4 - MEIO AMBIENTE E USO DO SOLO RURAL - Ademar Ribeiro Romeiro e Fernando Abrantes .....	483
5 - CONTRIBUIÇÃO DA GEOMORFOLOGIA AOS ESTUDOS DE POLUIÇÃO - Celeste Rodrigues Maio .....	485
6 - ESGOTAMENTO SANITÁRIO E POLUIÇÃO HÍDRICA - Maria Guilhermina Esteves dos Santos, Flávio Gomes de Almeida, Valmir Vicente de Lyra e Copérnico de Arruda Cordeiro .....	488
7 - METEOROLOGIA E POLUIÇÃO DO AR - Linton Ferreira de Barros .....	490
8 - POLUIÇÃO DO SOLO E OS ASPECTOS GEO-ESPACIAIS DO LIXO URBANO - O CASO DE NATAL-RN - José Carlos Borges, Elias Nunes, Gileno Macedo e Helmut Troppmair .....	493
9 - COMPATIBILIZAÇÃO DAS ATIVIDADES SÓCIO-ECONÔMICAS COM A QUALIDADE AMBIENTAL NA REGIÃO CENTRAL DA BAHIA - Marilene dos Santos Aouad .....	497
10 - ESTRUTURA FÍSICA DA PAISAGEM DO ALÉM SÃO FRANCISCO E SEU POTENCIAL DE UTILIZAÇÃO - Maria da Conceição Cunha .....	500
11 - ELEMENTOS DETERMINANTES NA OCUPAÇÃO DAS BACIAS HIDROGRÁFICAS DO LESTE PARANAENSE - Antonio Pianaro e Moacir José Quintino .....	503

(cont.)

Pág.

12 - RECURSOS NATURAIS DA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA - O CASO OURO FINO - Naldy Emerson Canalli, Antonia Obrete, Everton Passos e Tânia Mara Costa .....	504
13 - EVOLUÇÃO DO USO DO SOLO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO - BRASIL DE 1972 a 1978 - Jane Fonseca de Souza Pitanga e Luiz Henrique Aguiar de Azevedo .....	506
14 - A CONTRIBUIÇÃO DA GEOMORFOLOGIA NA DELIMITAÇÃO DE UNIDADES AMBIENTAIS: UM ESTUDO DE CASO - Antonio José Teixeira Guerra ...	510
15 - RELAÇÕES ENTRE OS GRAUS DE LIMITAÇÕES DO USO DO SOLO POR SUSCEPTIBILIDADE À EROSÃO E ÀS UNIDADES DE MAPEAMENTOS DE SOLOS - Waldemar Mendes .....	516
16 - O CARVÃO E O MEIO AMBIENTE NO BRASIL - José Carlos Queiroz de Magalhães Castro .....	525
17 - O ROMPIMENTO DO ECOSISTEMA NA REGIÃO DE AVARÉ-SP - Nilza Aparecida Freres Stipp .....	530
18 - ARACRUZ: PROBLEMAS ECOLÓGICOS E SOCIAIS DA IMPLANTAÇÃO DE UM COMPLEXO INDUSTRIAL - Fernando Cesar Barros da Gama .....	535
19 - UM ENSAIO SOBRE RELACIONAMENTOS ENTRE PECUÁRIA E EQUILÍBRIO AMBIENTAL - ESTADO DO RIO DE JANEIRO - Maria do Carmo Corrêa Galvão, Maria Célia Nunes Coelho e Sandra Baptista da Cunha .....	539
20 - TERRAÇOS FLUVIAIS - Ligia Beatriz Goulart e Lúcia Helena Batista	543
21 - FORMAS TOPOGRÁFICAS DE POSICIONAIS: CONES ALUVIAIS - Lúcia Helena Batista e Ligia Beatriz Goulart .....	547
22 - DISTRIBUIÇÃO DOS MANGUEZAIS DO BRASIL - Edna Mascarenhas Santa Anna e Maria Helena Whately .....	551
23 - SUPERFÍCIE APLAINAMENTO - URARICÓERA - Celeste R. Maio e Ronaldo Ramalho	553
A POPULAÇÃO	
1 - MOBILIDADE DO TRABALHO NA AMAZÔNIA: UMA CONTRIBUIÇÃO - Bertha Koiffmann Becker e Lia Osório Machado .....	558
2 - MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS NA AMAZÔNIA: UM ESTUDO DE CASO DO ACRE - Eugênia Gonçalves Egler .....	559
3 - ACESSO À RECURSOS SOCIAIS: A SAÚDE EM COPACABANA - Leila Christina Dias Carvalho .....	563
O ESTADO	
1 - O AFGANISTÃO E O EXPANSIONISMO SOVIÉTICO - Beatriz Maria Soares Pontes .....	566
2 - O SENTIMENTO NACIONAL COMO FATOR DA ESTRUTURA DOS ESTADOS E DAS RELAÇÕES INTERESTATAIS: ANÁLISE DA IMPORTÂNCIA ATUAL - Jürgen Richard Langenbuch .....	569
O LUGAR	
1 - ACESSIBILIDADE E USO DA TERRA NA ÁREA DA BELÉM-BRÁSILIA - Maria Helena Lacorte e Mariana Miranda .....	574
2 - O MODELO DE DESENVOLVIMENTO DOS TRANSPORTES EM PAÍSES SUB-DESENVOLVIDOS: O CASO DO SUDESTE BRASILEIRO - Silvia Selingardi Sampaio .....	578
3 - A REGIÃO CACAUEIRA DA BAHIA - UMA ANÁLISE ESPAÇO-TEMPORAL - Aluizio Capdeville Duarte .....	580
4 - ESTRUTURA ESPACIAL DA COMERCIALIZAÇÃO DO CACAU NA "REGIÃO" CACAUEIRA DA BAHIA - UMA ANÁLISE REGIONAL (PROPOSTA DE ESTUDO) - Maria Rita de La Rocque Guimarães e Sulamita Machado Hämmerli	582



(cont.)

	Pág.
5 - ACRE - O MAIOR FORNECEDOR DE BORRACHA DO BRASIL - PASSADO E PRESENTE - Irio Barbosa da Costa .....	585
O ENSINO	
1 - A NECESSIDADE DA MANUTENÇÃO DE INFORMAÇÃO AOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA - Miriam Luce Maria França .....	590
2 - CONSIDERAÇÕES GEOGRÁFICAS SOBRE A ELITIZAÇÃO DO ENSINO - Jorge A. Morrot Hemerly .....	593
A TEORIA	
1 - REPENSANDO A TEORIA DAS LOCALIDADES CENTRAIS - Roberto Lobato Corrêa .....	602
2 - GEOGRAFIA E A QUESTÃO DO PODER EM MICHEL FOUCAULT - Sergio Nunes Pereira .....	608
3 - A CARTOGRAFIA TEÓRICA COMO CARTOGRAFIA DO CONCEITO. O EXEMPLO DOS ESPAÇOS ABSOLUTO, RELATIVO E RELACIONAL DE D. HARVEY, REFERIDOS AO UNIVERSO URBANO - Armando Corrêa da Silva .....	613
4 - CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS PARA A DEFINIÇÃO DE ESPAÇOS HOMOGÊNEOS - Aluizio Capdeville Duarte, Maria Rita da Silva Guimarães, Ruth L. da Cruz Magnanini e Sulamita Machado Hammerli ..	622
SIMPÓSIO	
ESPAÇO E CAPITAL: O MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO - Milton Santos.....	627

## GEOGRAFIA: CONHECIMENTO DA CRISE OU CRISE DO CONHECIMENTO?

Armando Corrêa da Silva\*

Como responsável pelo tema desta Mesa, neste Encontro da AGB, devo justificá-lo.

Em primeiro lugar, ele não se refere ao temário desta nossa reunião deste julho de 1980. Para mim isso é evidente, mas talvez não o seja para os que aqui estão.

O que me levou a escolhê-lo refere-se a uma questão que envolve hoje o trabalho intelectual e que atinge cada vez mais a todos. Motivo porque alcança também o trabalhador manual.

A questão é: Qual o significado do que estamos fazendo agora? Qual a sua importância individual e qual seu aspecto socialmente necessário?

Na medida em que as duas perguntas se fazem no processo da crise mundial de nossos dias, elas implicam, é claro, na indagação conhecimento da crise ou crise do conhecimento. O que é essa crise mundial?

Apesar das leituras que faço, apesar das informações que todos temos, pelo licença a vocês para tomar aqui apenas o caminho de uma reflexão pessoal.

Penso que a crise mundial desta passagem de década tem, no que ela possui de mais profundo, o ruir do edifício de conhecimento elabora-

\* Prof. Assist. Doutor do Deptº de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.



do no passado. Por isso, também o fim de uma prática social já em processo de esgotamento de suas possibilidades. Para não ir muito longe nas referências, creio que resumo o que tenho a dizer com a afirmação de que o século XX já terminou, antes que o século XIX tenha esgotado suas potencialidades de resposta aos problemas atuais.

Não se trata de pessimismo, mas daquele realismo que afirma que a raiz dos problemas humanos reside no próprio homem.

Do século XIX estamos passando ao século XXI, assim como se o século XX não tivesse ocorrido. Daí, a retomada do passado; daí, também, a futurologia.

No bojo da contradição está a crise do significado da palavra progresso.

Ora, não se pode falar em progresso sem se falar em História. O que significa que a história, a não documentada e aquela que é conhecimento escrito, não consegue dar conta de continuar a ser o parâmetro da teleologia que pretende o futuro. Por isso, pode-se falar, hoje, nos herdeiros da história: aquela história que é, ou já foi, reconstrução do passado, com o objetivo de indicar o delineamento do futuro.

Uma outra História está nascendo, com dificuldade, porque tem, em primeiro lugar, que livrar-se de si mesma. Ela precisa agarrar o real, tomá-lo em sua imanência, revelar-lhe os contornos, sacudir-lhe as aderências desnecessárias, descobrir-lhe as categorias de seu momento presente.

Nesse difícil fazer, a História do homem, que é a história da

Terra, defronta-se com a descoberta, aparentemente tardia, do espaço: não o espaço dos balões do século XIX, ou dos aviões da 2a. guerra mundial, mas o espaço dos mísseis, dos satélites artificiais, das naves espaciais, das sondas espaciais. O Espaço de uma nova Geografia da História.

De nada adianta aqui, abrir uma discussão sobre o desenvolvimento desigual e combinado: fórmula inteligente, impulso para a frente, na época, que hoje se mostra apenas como constatação do óbvio.

Porque todos perguntamos: e daí?, indagação do cotidiano que demanda a definição individual e coletiva presentes.

O progresso se põe, então, como o difícil avançar diuturno de cada um e de todos, na sequência da conjuntura. Porque é nela que vivemos o curto, o médio e o longo prazo.

Ao contrário do passado, em que a estrutura comandava a conjuntura, como o fazer-se vida determinada e direcionada, hoje, cada vez mais, a conjuntura comanda a estrutura e passa mesmo, a defini-la.

Mas, o que é a conjuntura? A conjuntura é o instante ideado e automatizado do programa em operação, determinado pela velocidade que a tecnologia agora torna possível.

Daí, uma nova prática, uma nova teoria; um novo tipo de trabalho intelectual, um novo tipo de trabalho manual. Também um novo modo de alienação; o fazer-se outro, no processo de socialização da vida, em que as mediações do processo artesanal são substituídas pela impessoalidade sincrônica do fazer e do saber ampliado pela reprodução do capital.



Esta alienação tem uma característica muito específica da contemporaneidade: a distância entre o projeto e o resultado diminui, ou pode diminuir, mas a distância entre os vários níveis de realização do projecto e sua efetivação aumentou!

Em outras palavras, a História é o fazer-se história a cada instante; a Geografia tornou-se um trabalho de muitos, a fazer continuamente uma Geografia da História, sem serem capazes de determinar-lhe os parâmetros específicos.

Essa contradição mostra-se como consideração de espaço sideral, que é lugar em produção, e de lugar de moradia e trabalho, que é espaço planetário.

O lugar é valor na nave espacial; o lugar é valor no canto onde consegue dormir o mendigo da metrópole, em baixo do elevador.

O espaço deixa de ser atributo do tempo.

O espaço se autonomiza; e com ele o lugar.

Mas, nesse avanço espacial, o lugar em si perde sua rigidez, na relatividade do lugar de ocorrência e de manifestação. Nesse passo ele se torna uma relacionalidade de lugares, em que as pessoas se descobrem, na corrida ao consumo e na vivência das comunicações.

A crise é, então, o não acesso ao consumo, o não acesso à comunicação.

Desorganiza-se a certeza do sistema cartesiano. Por isso, a

mente estrutura sua possibilidade de ideação, no imenso supermercado da produção intelectual contemporânea. Mas, não pode deter-se aí. Precisa, no fluxo rápido da conjuntura - momentaneamente entorpecida pela crise, que, com isso, evoca fantasmas do passado - descobrir as soluções dos problemas a resolver.

Numa situação dessas as pessoas se dividem: avançar sem pensar, avançar com cautela, avançar mantendo posições...

É que, ser sujeito individual ou coletivo, implica em aceitar o despir o traje velho, nem que para, num primeiro momento, mostrar-se de sarmado. Manualmente desarmado; intelectualmente desarmado. De nada adiantam as vantagens cronológicas, as vantagens do saber acumulado, dos títulos obtidos. A velocidade das transformações atuais torna obsoleto, inclusive, o que ainda não foi posto em prática.

Mas, há aqui uma contrapartida: a mesma tecnologia que gera o aumento da velocidade do raciocínio, não consegue acompanhar as aspirações por ela própria desencadeadas.

Na periferia dos países centrais as populações não aceitam mais a teoria da história que lhes diz que um dia chegarão lá, onde estão os outros: a descolonização das consciências, que não respeita as barreiras de classes, quer o progresso hoje.

E, o que é o progresso hoje?

O progresso hoje é, em primeiro lugar, o auto-determinar-se, individualmente e coletivamente. Esse auto-determinar-se é o descobrir, na categoria trabalho, a universalidade do fazer e do pensar.



Mas, se o trabalho é a libertação, pode ser também o inferno. Se a liberdade como consciência da necessidade transforma-se em liberdade como necessidade consciente, o trabalho torna-se a difícil e áspera disciplina do controle das pré-determinações, das determinações, das pré-ideações, das ideações e do projeto.

Daí a importância da programação. A História de hoje é a análise histórica da ação programada; a Geografia de hoje é o espaço da programação. Por isso, o espaço programado é o espaço do futuro que gera o seu próprio conceito de liberdade.

Não a liberdade dos conceitos de falsa consciência, ou a liberdade dos textos acomodados: a liberdade está na prática e no pensamento do dia-a-dia.

A teoria da Geografia de hoje está na decodificação do espaço que está diante de nossos olhos e de nossa consciência e que nos envolve como atores desse fazer-se espaço.

Por isso, o sucesso das Geografias da aparência...

É que as categorias ontológicas desse ser estão ainda apenas em elaboração.

A Geografia tem que resolver problemas que não resolveu no passado, tem que acompanhar as transformações do presente e tem que estar preparada para profissionalmente intervir no real.

Como fazer, numa situação dessas?

Por paradoxal que pareça, a velocidade, embora seja importante - até porque determinada de fora - não é tudo. Há questões de operação intelectual que não ocorrem ao modo do computador, mas que são atividades da mente, superiores ao que de melhor pode fazer essa notável máquina moderna.

Não me refiro à operacionalidade dos conceitos, simples prolongamento do fazer positivo.

Trata-se de determinar as categorias - as formas mais gerais do conhecimento - e que informam, em seu movimento, a teleologia do trabalho intelectual.

Como as resistências mentais ao novo, situam-se precisamente aí, o avanço do conhecimento é, inicialmente, lento, mesmo porque ainda não foi inventada a máquina que realize isso: diz-se, então, que o computador é uma máquina que não pensa, o que é correto, quando se reflete sobre a comparação entre a memória e a célula viva.

Então, o problema da divisão do trabalho gerado por essa nova automação dos processos produtivos, desencadeia duas atividades que se tornam motoras da crise do conhecimento: é que a reprodução e a montagem estão se separando da produção propriamente dita. E isto acarreta problemas complexos para o trabalho manual e intelectual de hoje. A Geografia não foge a essa determinação.

Eis aí a raiz econômica e tecnológica da mente dividida, ou seja, de uma divisão do trabalho exacerbada por uma corrida sem precedentes na história da humanidade!



Ao mesmo tempo que o processo aumenta fantasticamente as possibilidades do fazer e do pensar, diminuem as solidariedades entre as pessoas. Por isso, a liberdade do trabalho; por isso, o inferno do trabalho.

Dai o aumento da força dos que detêm o poder. O poder, outra superestrutura, torna-se gigantesca e única estrutura, como o capital monopolista de Estado de hoje.

O pensar e o fazer com um conglomerado de partes, cujas articulações deixam cada vez menos espaço para as neutralidades.

O monopólio do conglomerado atomiza os grupos, pressionando-os em direção à articulação à estrutura. Esta estrutura, antes parte do real, destaca-se dele, autonomiza-se e tudo absorve.

Em contrapartida, ela gera o homem organizado no trabalhos qualificado novo, que organicamente passa ao papel do antigo intelectual autônomo e independente.

O sistema, que precisa organizar-se, para operar com eficácia, não consegue eliminar os atritos que ele próprio gera.

O intelectual orgânico, formado pela nova disciplina da produção é um opositor permanente e espontâneo do "caos organizado"...

A forma monopolista ampliou enormemente a linha de produção a partir da reprodução e da montagem. Por isso mesmo, tornou-se extremamente vulnerável.

A forma monopolista dependente reproduz a irracionalidade do centro, tendo que defrontar-se com uma nova forma de neo-malthusianismo: a população excedente, que se junta ao exército de reserva clássico. Daí o subemprego, essa categoria nova de sobrevivência a meio termo.

O que passa a ser o progresso?

A enorme socialização da sociedade, provocada pelas novas formas de produção e organização do mercado, passa a exigir cada vez uma maior velocidade na circulação dos bens e serviços, necessários à reprodução do capital, em condições super-ampliadas.

Esfumaça-se a distinção entre o público e o privado, nas partes e nos elos do sistema.

Um grande espaço se forma, diferente daquele de há muito conhecido dos geógrafos, como a superfície da Terra. Trata-se de um espaço físico, ainda, mas já social por definição. Um espaço em que o progresso coincide com a necessidade de liberdade do espaço e no espaço. Por isso, a necessidade de democracia.

Abrir espaço é, por consequência, a direção natural do por-se em movimento do sistema. Mas, abrir espaço é ampliar os espaços de poder e isto significa dividir ou subdividir o excedente.

Na particularidade do país dependente o poder amplia-se para dentro e para fora. Ao fazê-lo abre espaços que precisa controlar e, mesmo, reprimir. Mas, não pode fazê-lo todo o tempo sem impedir a ocorrência da descompressão social.

Daí que a barganha se faz em margens pequenas, porque é necessário manter o equilíbrio do sistema, para que ele possa operar.

É aqui que vejo o impasse atual e que justifica o tema desta Mesa.

Qual o significado do que estamos fazendo agora? Qual a sua importância individual e qual seu aspecto socialmente necessário?

Penso que ambas as perguntas envolvem o conhecimento da crise e a crise do conhecimento.

A Geografia, no mundo todo, está passando por transformações que não são invenção de alguns geógrafos por si. É o mundo de hoje que, com suas determinações externas à consciência, mesmo dos mais lúcidos, está pressionando na direção da solução de problemas que não se colocaram no passado.

Ponho em debate alguns deles:

1. O que é o espaço hoje?
2. Qual o destino da Geografia como ciência?
3. Tornou-se a crise da Geografia uma crise permanente?
4. Conseguiremos avançar em direção a um conhecimento que ultrapasse os limites especializados das ciências geográficas?
5. É nosso conhecimento socialmente necessário?
6. Se a Universidade é também a Geografia, como deve se situar ela hoje, como disciplina acadêmica?



7. Como realizar o necessário trabalho interdisciplinar?
8. O que fazer: aplicar o método geográfico ou elaborar o método da geografia do real?
9. Qual a responsabilidade individual e social do geógrafo hoje?
10. Como garantir a liberdade de expressão em nosso campo de conhecimento?

Era o que tinha a dizer, na abertura desta reunião, passando agora a palavra aos participantes desta Mesa.